

Dez anos da morte de Paulo Freire



Paulo Freire e dona Elza, primeira esposa, em 1980

Fotos: Acervo do Instituto Paulo Freire

① FPF-OPF-07-064

"Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade"

Paulo Freire

As pessoas às vezes dizem: 'Olha, nós vamos ter a comemoração de dez anos da morte do Paulo Freire'. Outro dia eu escrevi um texto, no qual falo em comemorar a morte, usando o sentido original da palavra. Comemorar significa memorar junto, lembrar junto. Há vários modos de comemorar. Existe a comemoração festiva e a não-festiva. Não é errado dizer que comemora-se a bomba de Hiroxima e Nagasaki, o 11 de setembro, o holocausto, a morte de alguém, o que não é a mesma coisa de festejar. Portanto, no dia 19 de setembro de 2007, nós vamos festejar os 86 anos que Paulo Freire faria. No dia 2 de maio, quando morre o corpo dele, temos uma comemoração não-festiva, em relação a nossa perda. Comemoração é também celebrar, tornar célebre, inesquecível. Nesse sentido, comemora-se, sim, os dez anos

sem a presença cotidiana de Paulo Freire".

Essas palavras são do filósofo Mário Sérgio Cortella, professor da PUC-SP, aluno e amigo muito próximo do educador Paulo Freire, em entrevista à revista Fórum, edição de maio.

De que forma a obra de Paulo Freire continua presente?

Mário Cortella – Eu recuso muito uma frase – e não é uma questão apenas de linguagem – sobre comemorar dez anos sem Paulo Freire. Existem pessoas, obras e idéias que não saem quando seu autor deixa de ter uma convivência cotidiana conosco ou, quase usando uma expressão religiosa, quando deixa de ter uma convivência material conosco. Paulo

Freire teve, em 1997, a morte de seu corpo. Quem tem uma prática religiosa vai supor que ele mesmo não desapareceu. Mas, deixando a questão religiosa de lado, existe uma obra viva e um legado vivo de Paulo Freire. Nesse sentido, não são dez anos sem ele; nunca teremos um ano sem Paulo Freire. Sem ser triunfalista, nessa percepção, o legado dele é o que deixou de vitalidade nas pessoas, nos projetos, nas utopias. É aquilo que chamava de "o inédito viável". Em 1997, tinha 76 anos e vinha produzindo e escrevendo bastante. Escreveu um texto publicado pela professora Ana Maria Araújo Freire, sua viúva, em um livro da Editora Unesp. É um texto muito forte, sua última produção viva, aqui chamada de "Pedagogia da Indignação". Foi uma carta. Muita gente não sabe, mas Paulo Freire escrevia à mão, em folha sem pauta, com uma letra que ele e algumas pessoas compreendiam muito bem.

Em reuniões com grupos que aplicavam seu método, ele dizia que alfabetização não era sua especialidade e, nesses momentos, entrava em ação sua primeira mulher, dona Elza...

MC – Exatamente. Porque sua esposa, dona Elza, ela sim era uma professora, uma mestra – como se diz no Nordeste até hoje. Tinha uma formação especializada nesse campo. Sempre foi uma docente, tal como sua viúva hoje, Ana Maria Araújo Freire, doutora em História da Educação. A Anita foi uma aluna dele quando estava no antigo ginásio, porque o pai dela era o dono da escola onde Paulo Freire ensinava. Isso lá no Grande Recife. Mais tarde, foi sua orientanda no mestrado, quando ele era casado com dona Elza e ela, com outra pessoa. Aí, um dia, ambos ficaram viúvos, se casaram e viveram juntos, de 1988 até 1997. Há um bellissimo livro, chamado "Paulo e Anita" (editora Olho d'Água), em que Anita conta histórias estupendas. Eu fiz a contracapa. É um livro muito gostoso, em que ela conta histórias da vida a dois. Exceto uma, e quem revelou fui eu, em outra publicação.

Paulo Freire era um homem que tinha um amor muito grande por Ana Maria Freire, assim como amou profundamente Elza Freire e todos os filhos. Era um homem que sabia ser repartido. Vi uma única vez ele ter uma demonstração de ciúme, num comício do Lula, em sua primeira candidatura à Presidência. Paulo Freire estava com Anita. Na época, já estavam, claro, casados. Ela encontrou-se com um grande músico da MPB que lhe deu um beijo muito bonito, carinhoso e a abraçou. E Paulo Freire achou que ela tinha abraçado o Chico Buarque. Desceu do palanque e foi a pé para casa, subindo, já com a idade que ele tinha, aquela ladeira do Pacaembu em direção à Igreja Nossa Senhora de Fátima e à avenida Dr. Arnaldo, ali na Pompéia, na região onde morava. Ficou enciumado naquele dia. Anita contou essa história no livro, sem contar o santo. E aí, um belo dia, eu disse para ela "vou revelar, porque aquilo é uma beleza". Um homem que tem ciúme de quem ele teve é um homem inteligente.

O que Chico achou disso?

MC – (risos) é o Chico Buarque de Holanda, um dos gênios da música, um homem muito sedutor, com uma capacidade artística muito grande, um homem bonito, encantador. E, claro, ter ciúmes do Chico Buarque era mais do que compreensível, até uma honra naquela situação. Paulo Freire, humano, bastante humano, tinha essas condições de, inclusive, saber o que não sabia, o que é um princípio básico do conhecimento.

Aliás, uma das grandes lições que nos deixa é que quando a gente sabe que não sabe, dá um passo significativo na direção do conhecimento. Sócrates já houvera anunciado: "Só sei que nada sei". Mas uma coisa é anunciar isso, outra coisa é vivenciar. Paulo Freire vivenciava isso com muita força. Ele não tinha a chamada falsa modéstia, que é uma forma de cinismo. Aquele que é ator, quando você elogia, diz "bondade sua". Ao contrário, sabia da importância dele e de sua obra. Ele sabia que sabia com os outros. Que o saber marcado pelo sabor é algo que se partilha.

Isso ele fez, por exemplo, quando secretário, de 1989 até maio de 1991. Era um democrata de altíssimo nível. Nunca esqueço uma vez que precisávamos mesmo virar a noite discutindo um tema, com toda equipe que coordenava a Secretaria. Lá pelas duas da manhã, deu fome. Fizemos o óbvio que se faz em São Paulo: encomendamos várias pizzas. E aí, claro, não usamos, como nunca se fez, dinheiro público para isso, embora tivesse até verba e seria admitido porque estávamos trabalhando. Mas fizemos a famosa "vaquinha". Ele também colocou lá seu cheque, dividindo a pizza. Eu, sorrateiramente – um dia contei isso a ele -, tirei o cheque e pus o dinheiro na mesa. Tenho ele comigo até hoje. É um material que guardo, uma das minhas lembranças. E não passarei adiante o chequinho.

Comemoração é também celebrar, tornar célebre, inesquecível. Nesse sentido, comemora-se, sim, os dez anos sem a presença cotidiana de Paulo Freire

Qual a contribuição de Paulo Freire para a África e outros países subdesenvolvidos?

MC – Paulo Freire era o principal inspirador de projetos de educação em países do Terceiro Mundo, com sua obra publicada em 1968, "Pedagogia do Oprimido", uma das mais reproduzidas no mundo todo. Esse texto serviu também de inspiração a países do Terceiro Mundo, tal como se dizia na época. Mas serviu também de inspiração para países de Primeiro Mundo. A obra de Paulo Freire, no que se refere ao diálogo, foi decisiva nos países nórdicos. Ele é o único brasileiro que tem, na Suécia, uma estátua ao lado de outras personalidades. Um homem cuja influência pelo mundo afora foi decisiva, em alguns locais como grande mito e, em outros, como uma perspectiva de visão epistemológica. Ele é um filósofo da educação. Não foi só alguém que produziu material no campo da educação em si, mas conseguiu fazer aquele chamado, ser um andarilho da utopia, caminhar pelo mundo afora e trocar correspondências com grandes pessoas

de todo o planeta. Suas obras influenciaram imensamente todo o pensamento pedagógico contemporâneo. Não dá para pensar na educação do mundo atual sem pensamento de Paulo Freire.

E há uma coisa curiosa: muita gente lê Paulo Freire hoje, obras como "Educação como prática de liberdade" ou "Pedagogia da autonomia", seu último livro lançado, e acham que é um pensamento óbvio. Ele escreveu há quarenta anos e, nesse período todo, educadores sérios começaram a trabalhar essas idéias. Lemos isso em outros autores, que leram Paulo Freire. Então, quando as pessoas voltam ao original, começam a achar que é muito óbvio. Ao ler "Pedagogia do Oprimido", é preciso levar em conta o universo vivencial da pessoa, o que ela tem, os temas geradores. Então, essas percepções circularam há meio século.

Quando nós passamos a saber e divulgar, a olhar para ele de novo, dá impressão de que aquela visita é uma revisita. É uma obviedade falsa. Não se tem, de fato, aí, uma condição na qual ele não tenha criado. Ele criou muita coisa forte do pensamento do materialismo dialético em Paulo Freire. Ele mescla e sabe fazer uma síntese, na qual parte para o cotidiano das pessoas. A expressão máxima é a idéia que a leitura da palavra deve ser precedida pela leitura do mundo. Se você precede a leitura da palavra pela leitura do mundo, para alfabetização de adultos, você terá um processo também de conscientização.

Existe uma filosofia do conhecimento, uma epistemologia, uma didática e uma pedagogia que compõem a possibilidade de se estruturar o método. Aliás, essa metodologia não pode ser separada dos seus procedimentos. O Mobra, vez ou outra, alegava que usava o método sem a metodologia e sem a ideologia, o que é impossível. Fazer a alfabetização da qual decorre o método está ligado à ideologia freireana. Senão seria ensinar uma técnica que ensina a desenhar o nome, pois alfabetização também é interpretação.

Paulo Freire reavaliou muito do seu próprio pensamento?

MC – Quando ele escreve "Pedagogia da Esperança", é uma revisita da "Pedagogia do Oprimido", que sai quase trinta anos depois. Fez aí uma série de observações em relação ao conteúdo da época. Um homem como ele não perderia a possibilidade de se auto-criticar. Aliás, se há uma coisa que não apreciava, de fato, era a ortodoxia. Ele mesmo dizia que "fazer como Paulo Freire não é fazer o que Paulo Freire fez". É fazer o que faria se estivesse aqui. Fazer o que fez Karl Marx não é fazer o que ele faria, é fazer o que ele faria se cá estivesse. Então, ele tinha essa capacidade, inclusive, de não admitir que houvesse uma mistificação de seu trabalho.

Como foi sua convivência com ele?

MC –Tive contato com a obra do Paulo Freire, pela primeira vez, em 1973. Eu estava entrando no primeiro ano de filosofia, na universidade, e meu professor de metodologia

científica, o Paulo Afonso Carlos, usou um texto dele que era proibido, "Educação como prática da liberdade". A gente até tinha uma cópia na época, mimeografada. Em 1977, já formado, lecionando na PUC-SP, comecei a ter aulas no mestrado com o professor Moacir Gadotti. Até o ano anterior, o Gadotti tinha trabalhado com o Paulo Freire em Genebra. Então, passei a ter um contato mais próximo com o Moacir e mais ainda em 1979, a partir da fundação do PT. Logo depois, participei da organização inicial da Fundação Wilson Pinheiro, da qual o Paulo Freire era um dos próceres.

Gadotti se tornou meu orientador no mestrado. Então, comecei a ter essa convivência com o pensamento e com o próprio Paulo Freire. Em 1988, Luiza Erundina foi eleita prefeita de São Paulo e Paulo Freire foi o primeiro secretário por ela escolhido. Fui um dos chamados pelo Gadotti para compor essa equipe e passamos a ter uma convivência mais cotidiana.

Montou uma equipe com ele para gerir a Secretaria, embora já tivesse dito que não ficaria os quatro anos porque achava que tinha a tarefa de organizar o projeto, coordenar a equipe, mas que ficaria apenas a metade do mandato, para viajar, escrever mais livros e, portanto, preservar a liberdade para sair pelo mundo.

No primeiro ano da gestão dele, em 1989, o Gadotti era o chefe de gabinete e eu era o assessor especial; em 1990, nós invertemos a posição, o Gadotti foi o assessor especial e passei a ser o chefe de gabinete, ou seja, secretário adjunto, aquele que o substituíam. Em maio de 91, quando saiu, continuei como secretário – alias, ele fez a sugestão à prefeita para que eu coordenasse

a equipe que ele já montara.

Quando deixou de ser secretário, já não orientava mais trabalho na universidade, exceto eu, que fui o seu último orientado. Aliás, Paulo Freire faleceu duas semanas antes da minha defesa. Não consegui remarcar, só em junho, depois de um mês, quando então convidei para compor a banca, em seu lugar, a professora Ana Maria Freire, que participou, para minha alegria, do exame. Mas tive o que chamo de melhor curso de alfabetização de adultos que existe. Porque, como chefe de gabinete, todos os dias, quando dava 18h30, tinha que entrar na sala dele com 250, 300, 400 documentos. Ele assinava a documentação porque a burocracia é grande: há gente que pede licença, ordem de compra, tudo. Era um gesto automático, que ele fazia em uma hora e meia. Cabia a mim sentar do lado dele, pegar aquela pilha de processos, documentos e deliberações, passava um, ele assinava, eu tirava, passava outro, ele assinava, eu tirava. Era um processo automático, tanto dele como meu, porque todo o preparo anterior já tinha sido visto. Nós ficávamos conversando sobre a vida, trabalho, sexualidade, educação... Sempre foi um homem alegre, ele sempre soube que a alegria e seriedade não são sinônimos de tristeza. Uma das coisas que ele mais gostava era de música. Você chegava na casa dele e sempre tinha música ao fundo.

O que ele mais gostava de fazer?

MC – era um apreciador universal do esporte e, claro, gostava de contar histórias, tinha bom humor. Tinha uma que sempre contava e ria muito, que era um dos momentos clássicos da vida dele. Quando foi preso, no golpe militar, em 1964, estava em Brasília e depois foi levado para o Recife. Na primeira semana em que estava preso, o capitão que tomava conta dos recrus no quartel foi até ele e disse: “Professor, soube que o senhor é um grande educador, que tem a capacidade de alfabetizar as pessoas... nós temos muitos recrus analfabetos aqui, será que o senhor poderia alfabetizá-los?” Ele riu e disse: “Mas menino, é exatamente por isso que eu estou preso” (risos).

Contava também que, quando foi visitar uma universidade na África, o reitor foi recebê-lo no estacionamento e, entre o estacionamento e a entrada da reitoria, tinha um gramado. O reitor, um senhor de quase dois metros, cabelos brancos, da comunidade Zulu, segurou sua mão e os dois atravessaram o gramado de mãos dadas. Paulo freire pensou: “Meu Deus, se um outro brasileiro me encontra agora...”. Quando entraram na reitoria, o reitor disse: “Professor, posso perguntar uma coisa? Quando nós estávamos caminhando, eu segurei sua mão e o senhor parece que reagiu mal”, e ele “sabe o que é, no meu país os homens não andam de mãos dadas”. E o reitor disse: “Nossa, deve ser um país muito estranho o seu” (risos).

Paulo Freire é o nosso brasileiro mais ilustre?

MC – Acho que ele não aceitaria isso e também que não seria bom se achasse. Acredito que ele acharia que o brasileiro mais ilustre é aquele que não desistiu, seja quem for. Sem ser demagógico nisso, diria que o brasileiro, a brasileira, que forem incansáveis na luta por uma vida humana mais feliz, esses são ilustres. Aquele que achar que a história está aberta para que nós criemos, como dizia ele, a capacidade de esperar, já que não aceitava esperança do verbo esperar. Dizia que tem que ser esperança do verbo esperar. E esperar é ir atrás, é juntar, é não desistir.

Última entrevista

No dia 2 de maio de 1997, Freire sofreu um infarto e faleceu. Na última entrevista, concedida à TV PUC, dia 17 de abril, o professor falou sobre temas que, mesmo passados dez anos, ainda são totalmente atuais.

Marchas

Paulo Freire - Eu estou absolutamente feliz por estar vivo ainda e ter acompanhado essa marcha, que como outras marchas históricas, revelam o ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo: essa marcha dos chamados sem-terra.

...para que nós criemos, como dizia ele, a capacidade de esperar, já que não aceitava esperança do verbo esperar. Dizia que tem que ser esperança do verbo esperar. E esperar é ir atrás, é juntar, é não desistir.

Eu morreria feliz se visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas. Marcha dos quem não têm escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser.

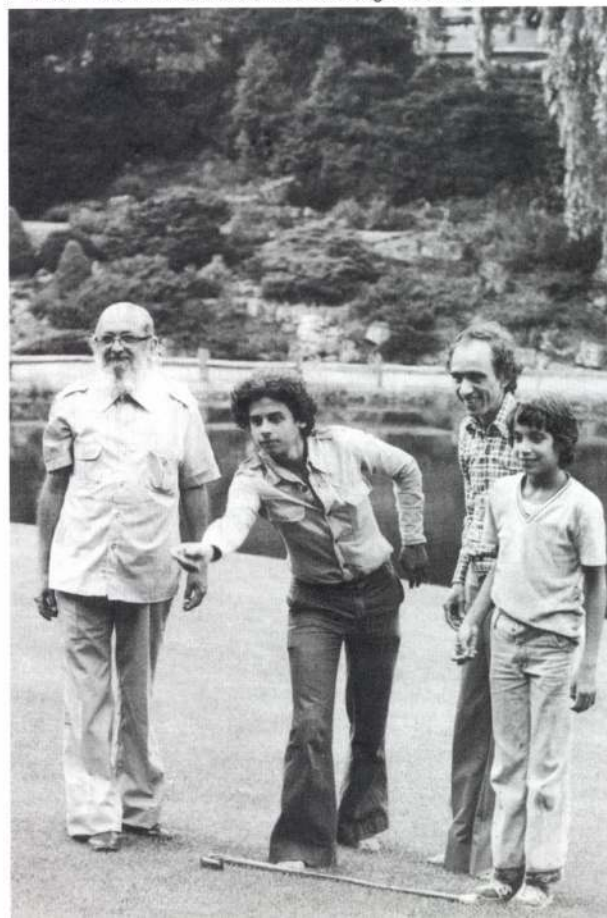
Eu acho que, afinal de contas, as marchas são andarilhagens históricas pelo mundo e os sem-terra constituem, para mim, hoje, uma das expressões mais fortes da vida política

e da vida cívica desse país.

Por isso mesmo, é que se fala contra eles. Até gente que se pensou progressista fala contra eles (sem-terra), como se fossem uns desabusados, como se fossem destruidores da ordem. Pelo contrário, o que eles estão provando, mais uma vez, são certas afirmações teóricas de analistas políticos, de que é preciso mesmo brigar para obter o mínimo de transformação.

Eu lamento tristemente que Darcy Ribeiro já não possa saber, já não possa estar vendo, sentindo e vendo uma marcha como essa. Eu acredito e agradeço a Deus por estar vivo, poder ver e saber que os sem-terra marcham contra uma vontade reacionária histórica implantada nesse país. Meu apelo, meu desejo, meu sonho é que outras marchas se instalem nesse país, por exemplo, a marcha pela decência, a marcha pela superação da sem-vergonhice, que se democratizou terrivelmente nesse país. Eu acho que essas

Paulo Freire com os filhos e o sociólogo Betinho



marchas nos afirmam como gente, como sociedade querendo democratizar-se.

O ser humano em adaptação

PF - Indiscutivelmente e do ponto de vista biológico, talvez nenhum outro ser tenha desenvolvido a capacidade de adaptação às circunstâncias maior do que o homem e a mulher. A adaptação no ser humano é um momento apenas para o que eu chamo de "a sua inserção". Qual é a distinção que faço entre adaptação ao mundo e inserção no mundo? A distinção é a seguinte: na adaptação há uma adequação, há um ajuste do corpo às condições materiais, históricas, sociais, geográficas, climáticas etc. Na inserção, o que há é a tomada de decisão no sentido da intervenção no mundo. Por isso mesmo eu recuso qualquer posição fatalista diante da história e dos fatos. Eu não aceito, por exemplo, expressões como "é uma pena que haja tantos brasileiros e brasileiras morrendo de fome, mas, afinal, a realidade é essa mesma". Não, eu recuso como falsa, como ideológica essa afirmação. Nenhuma realidade é "assim mesmo". Toda realidade está aí submetida à possibilidade de nossa intervenção nela. Eu não tenho dúvida nenhuma de que a história da luta pela justiça rural e agrária nesse país, que hoje o MST explicita numa posição crítica de quem se assume como sujeito da história, revela a superação da posição inicial da adequação, inclusive como uma forma de defesa. Uma das minhas preocupações, uma de minhas razões de luta, uma das minhas razões de presença no mundo é, exatamente de que, como educador, eu posso contribuir para uma assunção crítica da possibilidade da passividade para que se vá além dessa passividade no que eu chamo de posturas rebeldes e de posturas criticamente transformadoras do mundo.

O ser humano em evolução

PF - Eu acho que nós somos, homens e mulheres, seres inacabados, mas com uma diferença radical em face do inacabamento das árvores e dos outros bichos, por exemplo. No momento em que nos tornamos capazes de nos saber inacabados seria uma imensa contradição se ao mesmo tempo não nos inseríssemos num movimento que é permanente e que é um movimento de busca, procura.

O processo que nos inserimos de permanente busca, eu venho chamando de "vocaçao do ser mais". Na busca ou no processo de busca da completude dessa vocação do ser mais, nos perdemos, também. Estamos a uma indiscutível possibilidade de distorcer o processo de busca do ser mais e a essa distorção eu chamo de desumanização. A desumanização por isso mesmo não é virtuosa, é um acidente trágico a que nós estamos sujeitos no processo de buscar a nossa humanização crescente. O que nós temos pela frente é exatamente essa caminhada em que ser e deixar de ser se embatem.

Haverá sempre a possibilidade das trágicas desistências de ser. Nossa grande tarefa de passar pelo mundo é exatamente a da briga constante e permanente pela busca do ser mais.

A fé

PF - Eu me situo, primeiro, entre os que crêem na

transcendentalidade e, segundo, eu me situo entre aqueles que, crendo na transcendentalidade, não dicotomizam a transcendentalidade da mundaneidade. Em primeiro lugar, até mesmo do ponto de vista do senso comum, eu não posso chegar lá a não ser a partir de cá. E se cá, aqui, é exatamente o ponto em que eu me acho para falar de lá, então é daqui que parto e não de lá. Eu respeito o direito que se tem de dicotomizar, mas não aceito a dicotomia. Isso coloca a questão da minha fé e da minha crença, que indiscutivelmente interferem na minha forma de pensar o mundo.

Poucos dias antes de Darcy Ribeiro morrer, eu vi uma linda entrevista dele, que deve ter sido uma das últimas, em que ele falava dessa questão, dessa passagem, e ele dizia com muita seriedade, muita amorosidade (...) "se a questão da fé passasse pela razão crítica, eu teria fé". Ele ainda dizia "eu fiz tudo, mas não deu". No fundo, ele disse, com palavras que não sei repetir agora, "eu não sou mais do que o meu cadáver". Quer dizer, quando eu morro, eu sou um monte de coisas que se desfazem. Quando Darcy dizia aquilo, com uma sinceridade enorme, com grande lealdade, eu dizia a mim mesmo que, comigo, o processo foi diferente. Eu nunca precisei - e nisso talvez eu esteja pouco humilde - brigar comigo mesmo para me compreender na fé, por isso mesmo, de vez em quando, eu me lembro de uma frase, de uma das primeiras afirmações que li em um livro - quando tinha uns 19 anos - de Miguel de Unamuno, um célebre filósofo, amoroso, espanhol, em um livro que se chama "Idéias e Crenças", em que ele começa dizendo "as idéias se têm nas crenças se está". E comigo o que vem se dando é isso mesmo, quer dizer, eu estou na minha fé. Eu nunca precisei de argumentações de natureza científica e filosófica para me justificar na minha fé.

Cristo, meu camarada

PF - Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues, aos córregos, aos morros do Recife, às zonas rurais de Pernambuco trabalhar com os camponeses e favelados, eu confesso, sem nenhuma choramingas, que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo de quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece quando eu chego lá, a realidade dura do favelado e do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação de que falei antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Sempre digo "não foram os camponeses que disseram a mim: Paulo, tu já leste Marx?" Não, de jeito nenhum, eles não liam nem jornal! Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. Então que os jornalistas europeus, em 70, não entenderam a minha afirmação. Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. As leituras que fiz de Marx, de alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Eu fiquei com Marx na mundaneidade a procura de Cristo na transcendentalidade.

Fontes: Entrevista de Mário Sérgio Cortella, revista Fórum, e de Paulo Freire, reprodução autorizada pela TV PUC.